

## INTRODUÇÃO\*

*Um poema leva anos [...]  
Uma eternidade, eu e você,  
Caminhando junto  
(Paulo Leminski)*

Este livro não é obra apenas de seus organizadores(as) e dos autores(as) que assinam os artigos que o compõe. Este livro vem de longe e traz vozes e ecos do antes... Foi gestado em reuniões e atividades do Grupo de Trabalho de Ensino de História e Educação (GTHE) da Associação Nacional de História, seção São Paulo (ANPUH-SP). Nesse longo tempo, caminhando junto, organizamos oficinas de ensino de história, seminários, leituras, jornadas, palestras, encontros e, principalmente, participamos ativamente do debate político-educacional brasileiro e suas implicações para o currículo e o ensino de história. Senão, vejamos:

- A questão indígena na sala de aula;
- De quebra-galho a semente: a atuação do professor de história na educação étnico-racial;
- A reforma curricular no estado de São Paulo no cotidiano da escola;
- Ensinar história hoje;
- Reforma curricular do estado de São Paulo; Temas dos PCNs;
- Eixos temáticos no ensino de história;
- Práticas e saberes no ensino de história: construindo espaços de interlocução;
- Ensino de história, identidade e diferença;
- 50 anos de ditadura civil-militar no Brasil: ensino de história e educação;
- Ensino, história e direitos humanos;
- Ensino de história e as narrativas de golpe;
- Golpes na história e na escola;
- Ensino de história e cultura Indígena: identidade, diferença e interculturalidade;

---

\*DOI - 10.29388/978-65-86678-50-5-0-f.21-24

- Ensino e pesquisa da história da África e do Brasil;
- Patrimônio, história e memória: um olhar sobre o passado a partir de seus remanescentes materiais e imateriais;
- O uso do cinema no estudo do regime militar brasileiro;
- Ensino de história e história ambiental em sala de aula;
- Cultura de história e a (des)informação em sala de aula;
- #HistóriaÉImportante! #SóQueNão;
- Juventude e territorialidade no ensino de história;
- Desarquivando a ditadura civil-militar na escola: práticas de memória e de ensino de história em arquivos online;
- SP Sem Passado: ensino de história e currículo;
- Ciências humanas e a política curricular nacional em debate;
- Base Nacional Comum Curricular em debate;
- Escola Democrática versus Escola Sem Partido;
- Ensino de história à beira da falésia: reformas curriculares na educação básica e superior;
- Estado, violência e ensino de história: guerras de narrativa;
- Escola, juventude e periferia;
- Educação e história em tempos torpes;
- Afinal, o que é sensível e o que não é sensível no ensino de História? Uma tentativa de resposta;
- Passado e futuro em disputa no Brasil atual: o papel do professor de História;
- Os desafios da implementação da lei 10.639/03 e da educação para as relações étnico-raciais;
- Notícias da escola real – ser professor, ser professora, de História, em tempos de pandemia e
- Ensino de História em tempos de pandemia – um retrato da educação virtual em São Paulo e Ensino de história: enfrentamentos e afrontamentos.

Eis alguns dos temas da fecunda laboração do GTEH-SP nas últimas décadas, notadamente oficinas e debates, em sintonia com as transformações e questões mais candentes de nosso tempo. E por esses caminhos fomos nos constituindo como historiadores(as) e professores(as), aguçando nossos olhares para a realidade social e escolar brasileira e paulista, ampliando as possibilidades

criativas das atividades em sala de aula, travando contato com novas referências teóricas, estabelecendo trocas, ensejando pesquisas, conhecendo novos temas e perspectivas, debatendo e dialogando.

É, por certo, uma obra coletiva que vem sendo trabalhada há tempos, desde a criação do GTEH-SP na década de 1990. E por aqui passaram Helenice Ciampi, Circe Bittencourt, Conceição Cabrini, Alexandre Pianelli Godoy, Patrícia Cerqueira dos Santos, Antonio Simplicio de Almeida Neto, Ilíada Pires da Silva, Elizabeth Salgado, Thiago Boim, Maria Lima, Elaine Lourenço, Pedro Fernandes da Costa, Ana Enedi Prince da Silva, Helen Flavia de Lima, Jose Amilton de Souza, Mauricio Lobo, João do Prado Ferraz de Carvalho, Juliana Filgueiras, Elvis Roberto Lima da Silva, Fabíola Matte Bergamin, Paulo de Mello, Ronaldo Cardoso Alves, Adriana Carvalho Koyama, Fernanda Costa, Rodrigo Lopes, Kadine Teixeira, William Botelho, Antonia Terra, Cleber S. Vieira, Cesar Furquim, Fernando Kawahara, Fábila Barbosa Ribeiro, Juliano Custódio Sobrinho, Diego Becker, Marco Antonio Oliveira, Rubens Baldini Neto, Allan Alves de Santana, Grazielly Alves Pereira, Irana de Oliveira Mariano, Aline de Alcântara Valentini, Jorge Lúzio, Veruschka de Sales Azevedo, Arrovani Luiz Fonseca, Claudio Silva, Danilo Eiji, Ueldison Alves, Ivan Canoletto, Mara Cristina G. Silva, Antonio Alves Bezerra. Parafraseando Caetano Veloso, uns mais presentes, uns menos, uns permanentes, uns intermitentes, uns de passagem, uns pares, uns ímpares, uns longos, uns breves, uns daqui, uns de lá, uns jovens, uns nem tanto, uns vão, uns vêm, uns loquazes, uns quietos, uns sim, uns não. Todos fundamentais.

Esse livro se constitui como uma breve pausa na trajetória, para olhar para trás, avaliar o campo – como reza o mantra historiográfico, observar as mudanças e as permanências, os avanços e os recuos, diga-se de passagem, gigantescos para a educação e para o ensino de história nos últimos anos – e seguir adiante. Nos colocamos, portanto, em perspectiva temporal, “pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (...) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa”, escreveu Walter Benjamin nas mui conhecidas *Teses sobre o conceito da história* (Obras Escolhidas (volume 1). São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 223).

No pós-ditadura civil-militar (1964-1985), entrando pelos anos 1990, vislumbrava-se um cenário promissor para o ensino de história com crescente número de publicações de livros e artigos, organização de encontros acadêmicos, ampliação de pesquisas na área. Ecoando demandas escolares e de movimentos sociais, as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 tornaram obrigatório o en-

sino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas. Nesse mesmo período, anos 2000, ocorreu significativa ampliação do número vagas em universidades públicas e privadas, assim como políticas de reparação e ações afirmativas, tais como sistemas de cotas. Mais recentemente, em 2014, foi criado no Programa de História, mestrado profissional *stricto sensu* em ensino de história, hoje com 39 núcleos em todas as regiões do Brasil.

Nesse período mais recente, paradoxalmente, ganham força as ações educacionais amparadas nos discursos da racionalidade técnica, de modo que habilidades e competências, treinamento, avaliação externa, sistemas apostilados, currículo unificado e formação para o mercado, que ocupam paulatinamente o lugar das propostas de formação do aluno crítico, sujeito histórico, entendido como cidadão capaz de intervir na realidade e pensá-la historicamente. Somadas às novas discussões sobre questões étnico-raciais, de gênero, de sexualidade e do feminismo, aqueles debates tão caros aos anos 1980 e 1990 passam a ser considerados ultrapassados, “de esquerda” ou “radicais”, devendo ceder lugar ao “novo” e ao “moderno” protagonizado pelos chamados “reformadores empresariais” e suas fundações, materializando-se na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e seus desdobramentos nos estados. Ao fim e ao cabo, numa suprema ironia do destino, o ensino de história perde espaço no currículo da educação básica, principalmente no Ensino Médio, de onde foi excluído como disciplina escolar. A próxima fronteira da sanha reformista, senão a última, é o ensino superior com os cursos de formação de professores, que deverão ser reduzidos a cursos de treinamento de professores para aplicação a BNCC.

Há um encontro marcado entre as gerações precedentes de historiadores e de professores, a nossa e as que estão em formação. Ele já está ocorrendo e o GTEH-SP não faltará a esse encontro, não tem faltado. Esse livro e suas temáticas revelam esse compromisso: a transformação dos professores-intelectuais em precariado e seus desdobramentos no ensino de história; o currículo paulista e o paulistano; o conhecimento histórico na escola da infância; o ensino de história da África, afro-brasileiro e indígena; a perspectiva decolonial. O convite à sua leitura, ao debate e ao encontro (ainda que em modo virtual), em meio a onda de intolerância, violência e pandemia que assola o Brasil cotidianamente, é também um chamado para essa caminhada *poiética* e política que vem de antes e vai além.

*Antonio S. Almeida Neto*  
São Paulo/dezembro/2020